

Vera Lucia Pereira Alves
Maria Gabriela de Almeida Sampaio Assis
Francislane Bonfim Freitas
Tânia Carnelossi Lazarin
Mariane Carolina Lopes
Renata Rosas Pires de Saboia
Flavia Fassi Samel
Hermínia Gisele Mesquita dos Santos
Sarah Duarte Santos

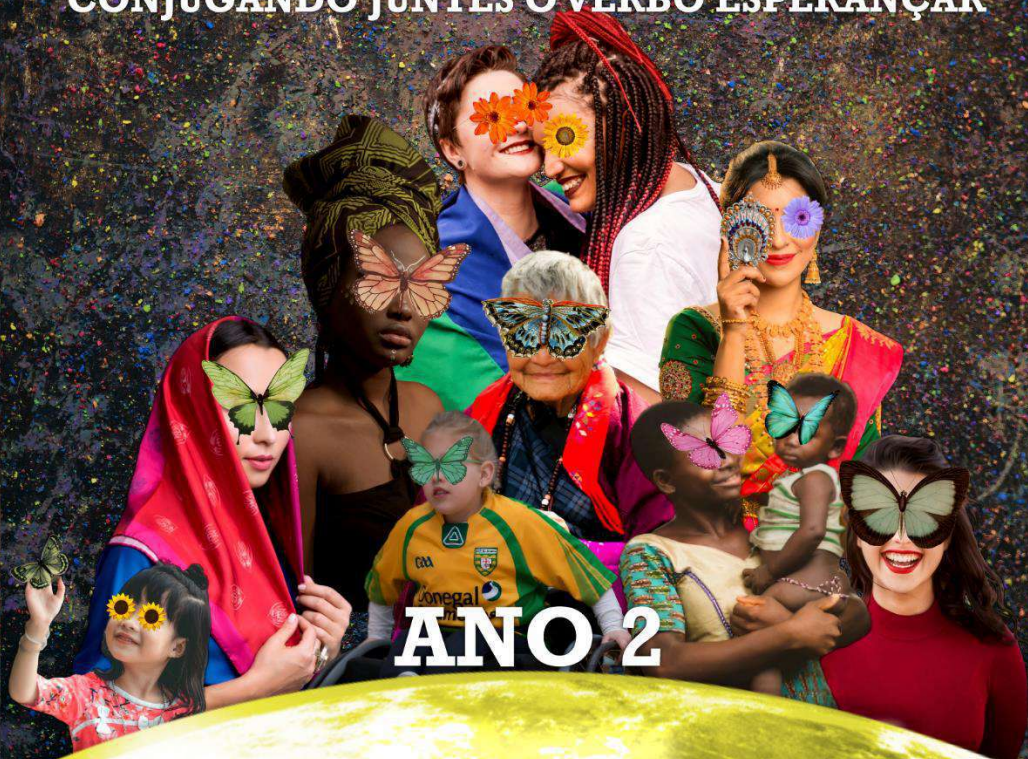


CAPÍTULO 02

ESCUTANDO FAMÍLIAS:
RUPTURAS E ACOLHIMENTO
ENQUANTO POSSIBILIDADE
DE ENCONTRO

FRATURAS EXPOSTAS PELA PANDEMIA

CONJUGANDO JUNTES O VERBO ESPERANÇAR



ANO 2

**Fernanda Fochi Nogueira Insfran
Fauston Negreiros
Jacqueline de Souza Gomes**
Orgs


edufpi

FRATURAS EXPOSTAS PELA PANDEMIA

CONJUGANDO JUNTES O VERBO ESPERANÇAR

ANO 2

Organizadores
Fernanda Fochi Nogueira Insfran
Fauston Negreiros
Jacqueline de Souza Gomes



Reitor

Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Viriato Campelo

Superintendente de Comunicação Social

Fenelon Martins da Rocha Neto

Diretor da EDUFPI

Cleber de Deus Pereira da Silva

EDUFPI - Conselho Editorial

Cleber de Deus Pereira da Silva (presidente)

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Gustavo Fortes Said

Nelson Juliano Cardoso Matos

Nelson Nery Costa

Viriato Campelo

Wilson Seraine da Silva Filho

Projeto Gráfico. Capa. Diagramação.

Samuel Falcão Silva e Anne Nimrichter



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

F488 Fraturas expostas pela pandemia: conjugando juntas o verbo esperar: ano 2 [recurso eletrônico] / organização, Fernanda Fochi Nogueira Insfran, Fauston Nogueiros, Jacqueline de Sousa Gomes. – Teresina: EDUFPI, 2022. 1 Ebook

ISBN: 978-65-5904-150-3 Obra Financiada pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

1. Pandemia. 2. COVID-19. 3. Impactos Sociais. I. Insfran, Fernanda Fochi Nogueira (org). II. Nogueiros, Fauston (org.). III. Gomes, Jacqueline de Sousa (org).

CDD: 303.485

Bibliotecária responsável: Márcia de Arêa Leão Oliveira - CRB3/1003

Cabe aos autores a responsabilidade por seus respectivos textos, isentando os organizadores e a editora por Crime de Direito Autoral.



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil
Todos os Direitos Reservados



OBRA FINANCIADA PELA



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

CAPÍTULO 1.....28

**COVID-19, DIREITO HUMANO À ALIMENTAÇÃO
ADEQUADA E A LUTA CONTRA A FOME: QUANDO A
SOLIDARIEDADE É RESISTÊNCIA**

*Fernanda Ribeiro dos Santos de Sá Brito, Tais de Moura Ariza Alpino,
Ariana de Oliveira Tavares e Cláudia Roberta Bocca Santos*

CAPÍTULO 2.....59

**ESCUTANDO FAMÍLIAS: RUPTURAS E ACOLHIMENTO
ENQUANTO POSSIBILIDADE DE ENCONTRO**

*Vera Lucia Pereira Alves, Maria Gabriela de Almeida Sampaio Assis,
Francislane Bonfim Freitas, Tânia Carnelossi Lazzarin, Mariane Carolina
Lopes, Renata Rosas Pires de Saboia, Flavia Fassi Samel, Hermínia
Gisele Mesquita dos Santos e Sarah Duarte Santos*

CAPÍTULO 3.....67

**CUIDADOS EM MOVIMENTO: EXPERIÊNCIAS COM O MST
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

*Maria Cristina Rocha, Bruna Borba de Araújo Tchalekian, Lucilene Cruz
da Silva, Mariana Luciano Afonso e Paula Sasaki Coelho.*

CAPÍTULO 4.....85

A ESCUTA ENSINA QUEM SABE OUVIR

Renata Garcia

CAPÍTULO 5.....100

PANDEMIA: IMPACTOS DE SAÚDE NA FAMÍLIA

Patrícia Glória Sanz de Szemere



Vera Lucia Pereira Alves
Maria Gabriela de Almeida Sampaio Assis
Francislane Bonfim Freitas
Tânia Carnelossi Lazzarin
Mariane Carolina Lopes
Renata Rosas Pires de Saboia
Flavia Fassi Samel
Hermínia Gisele Mesquita dos Santos
Sarah Duarte Santos



CAPÍTULO 02

ESCUTANDO FAMÍLIAS:
RUPTURAS E ACOLHIMENTO
ENQUANTO POSSIBILIDADE
DE ENCONTRO

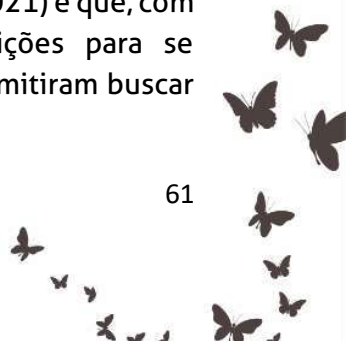
CAPÍTULO 2

ESCUTANDO FAMÍLIAS: RUPTURAS E ACOLHIMENTO ENQUANTO POSSIBILIDADE DE ENCONTRO

Vera Lucia Pereira Alves
Maria Gabriela de Almeida Sampaio Assis
Francislane Bonfim Freitas
Tânia Carnelossi Lazarin
Mariane Carolina Lopes
Renata Rosas Pires de Saboia
Flavia Fassi Samel
Hermínia Gisele Mesquita dos Santos
Sarah Duarte Santos

Uma fratura exposta indica que a ruptura ocorrida permitiu ao conteúdo interior se exteriorizar. Aquilo que vamos considerar aqui ter se exteriorizado, quanto à ruptura do cotidiano provocada pela pandemia de COVID-19, são os desafios que já faziam parte das relações familiares.

Por meio de uma proposta por nós oferecida de atendimento psicológico online, para familiares de estudantes de escola pública, iniciada em abril de 2020 e simultânea às orientações ao distanciamento social, apreendemos que as questões familiares, a necessitar de cuidados emocionais, não estavam somente ligadas ao adoecimento e luto envolvidos pela COVID-19. Eram também questões emergentes ou agravadas pela convivência familiar diária e intensa (ALVES et al, 2021) e que, com o distanciamento social, encontraram as condições para se exteriorizar. Assim, estimuladas, as pessoas se permitiram buscar

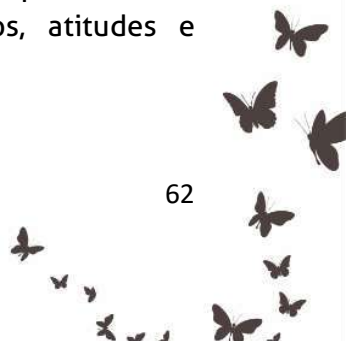


um cuidado com a saúde mental que nunca tiveram, ao menos em nosso país, tão propalado como necessário e importante.

De igual forma e apenas pelas mesmas razões, a oferta de atendimento psicológico às famílias se “exteriorizou”. Até então, a psicoterapia familiar era algo restrito a consultórios privados e, eventualmente, oferecida em serviços públicos, sem custo ou a valor social, além de, majoritária, se não, exclusivamente, sob a forma presencial.

As dificuldades relacionais das famílias, a importância da saúde mental e a necessidade de reestruturação de práticas psicológicas estariam tão expostas se a pandemia de COVID-19 não nos tivesse atingido? Talvez um dia seja possível responder. É imprescindível agora salientar que nosso trabalho não transita pela via do “lidar com o lado bom da pandemia”, como também não escamoteia o sofrimento trazido pela doença e suas consequências. Nem tampouco ignora a desigualdade social e o descaso governamental perante o sofrimento das pessoas. Ao contrário, dispõe-se a mergulhar neste mesmo sofrimento, desejando que, de alguma forma, possa dele cuidar.

O Projeto Escutando Famílias se alinha ao referencial psicológico da Abordagem Centrada na Pessoa e oferece atendimento online sob a forma de Plantão Psicológico. Essa abordagem tem seus princípios norteadores desenvolvidos com base nas experiências do psicólogo humanista Carl Rogers. A hipótese central dessa teoria é que, a partir de um clima facilitador de crescimento desenvolvido por meio de algumas atitudes psicológicas, ativam-se recursos, tais como a capacidade de autoconhecimento, modificação de autoconceitos, atitudes e



comportamento autônomo de um indivíduo ou de um grupo (ROGERS, 2018).

Sob a perspectiva teórica da Abordagem Centrada na Pessoa, a modalidade dos atendimentos realizados foi a do Plantão Psicológico compreendida como:

Um tipo de atendimento psicológico que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração pré-determinada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato (ou quase exato) de sua necessidade, para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros Serviços. Tanto o tempo da consulta, quanto os retornos, dependem de decisões conjuntas do plantonista e do cliente, tomadas no decorrer da consulta. [...] o plantonista e o cliente vão juntos procurar no "momento já" as possibilidades ainda não exploradas, que podem ser deflagradas a partir de uma relação calorosa, sem julgamentos, na qual a escuta sensível e empática, a expressividade do plantonista e seu genuíno interesse em ajudar, desempenham papel primordial (TASSINARI & DURANGE, 2011, p.57).

Desse modo, "por ser uma modalidade de serviço contemporâneo por sua 'natureza', capaz de atender às inúmeras camadas da sociedade e suas demandas, abrindo possibilidades de mudanças em larga escala" (TASSINARI & DURANGE, 2011,

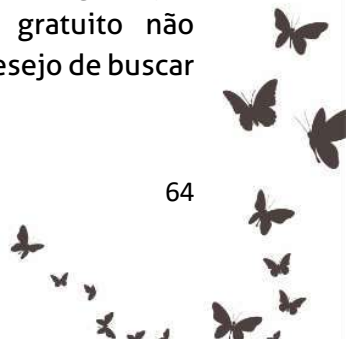


p.55) e, tendo em vista o contexto de urgência psicológica instalado, o Projeto optou por desfrutar de tal modo de atendimento.

A Abordagem Centrada na Pessoa se torna cara, uma vez que permite o exercício de uma clínica ampliada com vista à emancipação do sujeito. Criado na intencionalidade de garantir outros espaços de reflexão e autoconhecimento à comunidade escolar, o Projeto Escutando Famílias foi divulgado, por meio de redes sociais e junto aos sistemas públicos de educação e ofertado a familiares de estudantes. O serviço é disponibilizado para pessoas que, realmente, não podem pagar por ele, e os profissionais de psicologia integrados à proposta dedicam-se voluntariamente ao projeto.

O recurso a esse serviço especializado em atendimento psicológico às famílias nos parece de grande importância, uma vez que o atendimento a esse grupo não é tão frequente, na sociedade Brasileira, quanto à busca por psicoterapia individual. Usualmente, trata-se de um atendimento para o qual as famílias são encaminhadas em decorrência de outros acompanhamentos da área de saúde. Entendemos, assim, não haver, em nossa sociedade, uma “cultura de psicoterapia familiar” estabelecida. A existência desse projeto se revelou, deste modo, como um potente recurso, ao oportunizar um olhar voltado para dentro de si, para a família e para o convívio. Propicia espaço e disponibilidade para uma nova reorganização das relações familiares.

Um contexto social que aponta para a importância do cuidado da saúde mental e um grupo de psicólogas que simultaneamente oferece atendimento familiar gratuito não poderia deixar de resultar numa mobilização e no desejo de buscar

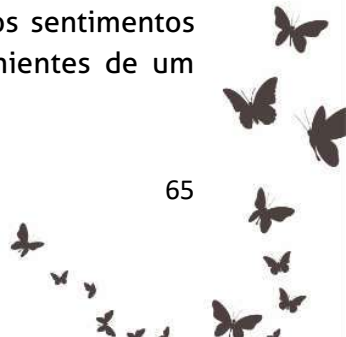


tal ajuda. A concretude desta ajuda vem se constituindo por intermédio de telas de dispositivos eletrônicos (celular ou computador) e configuram a geografia de um espaço compartilhado que afeta a escuta, em diversas direções inesperadas: seja pela pausa de uma interrupção para permitir, talvez, uma reconstrução do que estava sendo falado, seja pela conexão ruim da internet, ou então pelo ruído dos ambientes. É a realidade da vida das pessoas, não são apenas histórias. São suas realidades ali covidadas: as famílias e as psicólogas.

Vivemos numa época em que coletivos, movimentos de diversas origens e causas que se mobilizam em redes de pessoas surgem em todos os lugares do Planeta, e o atendimento online de famílias parece acompanhar, de alguma maneira, essa nova direção de convivência. Ao oportunizar um espaço em que o grupo familiar se junta, para falar de suas questões, deixa de ser um ambiente que privatiza dores e transforma a maneira como lidamos com os desconfortos das relações.

O Projeto Escutando Famílias rompe também com o cotidiano profissional das nove psicólogas que nele se embrenham, assim como rompe, igualmente, com o formato protocolar de plantões online em que o acesso ao serviço é feito por meio de links de cadastro. A oferta de nosso serviço se dá pelo contato inicial com uma das psicólogas da equipe que faz o agendamento. Esse momento de troca de mensagens, por vezes, prolonga-se com diálogos que se concretizam em verdadeiro acolhimento. Algo que evidencia ainda mais a radicalidade da abertura e da disponibilidade para o encontro com o Outro.

O desconforto, o medo, a angústia e outros sentimentos manifestados pelo contexto pandêmico e provenientes de um



fator desconhecido; o vírus e o novo modo de viver a vida em distanciamento social e todas as consequências desse período estão sendo descobertas. Estamos descobrindo, ao mesmo tempo, não nas mesmas condições, mas no mesmo momento, os males da doença e suas consequências.

Acolher as famílias e pessoas que chegam até nós é, ao mesmo tempo, estranho e difícil, mas próximo: "Próximo da minha realidade, estranho aos meus sentimentos". De alguma forma, esse acolhimento é para nós produtor de um certo alívio. No meio de todo o caos, levar a escuta, empatia, atenção e cuidado às pessoas fragilizadas vai se tornando potente e significativo também para nós.

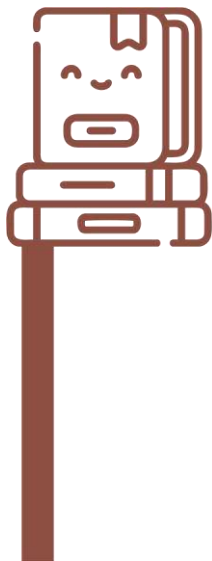
Estamos todos fraturados. Enquanto imersos nessas condições, nós nos expomos a cuidar das feridas do outro e também descobrindo que, no decorrer desse processo, cuidamos um pouco de nós, psicólogas.

Acreditamos que na escuta e no acolhimento pulsa Vida. No compartilhamento e no contato das famílias com dores agravadas pelo contexto de pandemia pulsa a possibilidade de continuar. No encontro entre psicólogas e as famílias atendidas pulsa força e aprendizado mútuo. Seguimos sentindo, assim, a potência do acolhimento, tanto pelo acolhido, quanto pelo acolhedor.

"Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos".

Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo.*





REFERÊNCIAS

ALVES, V. *et al.* Escutando famílias à luz da Abordagem Centrada na Pessoa: Plantão Psicológico on-line em tempos de pandemia. **Revista Espaço ECP**, v. 2, n.1, 65- 83. 2021. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1_bb6K8onlyYj1RxZ_adhpxvm7HBSBQ9r/view.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 2018.

TASSINARI, M.; DURANGE, W. Plantão psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Rev. NUFEN**, v. 3, n. 1, p. 41-64, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100004&lng=pt&nrm=iso.

